

QUESTIONANDO ALGUNS ARGUMENTOS-BASE QUE SUSTENTAM UM TIPO DE DISCURSO HUMORÍSTICO POLITICAMENTE INCORRETO

Mateus Pranzetti Paul Gruda¹

Resumo: O discurso humorístico e seus mecanismos de funcionamento estão altamente difundidos nas mais diversas práticas e discursos correntes (propaganda, jornalismo, meio político, entre tantos outros). Dentre suas manifestações particulares, o tipo de humor tido como mais transgressivo é aquele vinculado ao chamado politicamente incorreto, o qual, em tese, não faria concessões ou respeitaria quaisquer dos limites impostos pelo corpo social. Entretanto, propomos neste artigo uma clivagem entre um *humorismo politicamente incorreto acrítico* e um *humorismo politicamente incorreto crítico*, refletindo mais atentamente acerca da primeira categoria, a qual se assenta, principalmente, sob os argumentos de que "piadas são só piadas" e de que a liberdade de expressão é alguma coisa de caráter completamente ilimitado.

Palavras-Chave: Humor. Politicamente incorreto. Piadas. Liberdade de expressão.

QUESTIONING SOME OF THE KEY ARGUMENTS THAT SUPPORT A TYPE OF HUMORISTIC DISCOURSE POLITICALLY INCORRECT

Abstract: The humoristic discourse and its mechanisms of operation are highly widespread on the several current practices and discourses (advertising, journalism, political and many others). Among its specific manifestations, the kind of humor that is

¹ Bacharel, Mestre e Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Assis/SP/BR. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail para contato: mateusbeatle@yahoo.br

understand as the most transgressive is the one called politically incorrect, that, in theory, would not make any concessions or respect any limits imposed by the social body. However, in this article we propose a cleavage between a *uncritical politically incorrect humor* and a *critical politically incorrect humor*, reflecting more attentively about the first category, which is based mainly on arguments that “jokes are only jokes” and that the freedom of expression is characterized as something completely unlimited.

Keywords: Humor. Politically incorrect. Jokes. Freedom of expression.

Em nosso trabalho de pesquisa de doutorado estamos tomando o discurso humorístico como objeto de estudo, o qual, como demonstra a extensa literatura existente (para citarmos somente algumas das tantas obras: ALBERTI, 1999; BREMMER; ROODENBURG, 2000; GEIER, 2011; GRUDA, 2011; MINOIS, 2003; PINTO, 1973), se fez e se faz presente ao longo da trajetória da humanidade, detendo, de um ponto de vista teórico, diversas configurações e desdobramentos sociais, bem como, provocando distintas reações por parte das estruturas de poder e nas correntes de pensamento, para além do riso que usualmente ocasiona. Tendo sido considerado por alguns, como algo maldito, diabólico, espécie de vício condenável, etc., enquanto outros o apontaram como algo virtuoso, de bom tom, meio auxiliar do esclarecimento e da sabedoria, parceiro da subversão a ordem instituída, dentre tantas outras características.

Neste artigo, focaremos e discorreremos sobre uma modalidade específica deste tipo de discurso, a qual tem sido difundida fortemente nos últimos anos, sobretudo pelos meios de comunicação de massa (principalmente em programas televisivos) e no mundo do entretenimento em geral, qual seja: o chamado humorismo politicamente incorreto. De

um ponto de vista dialético, um discurso politicamente incorreto existe em contraposição a um discurso politicamente correto. E como este indica alguns limites à existência, aquele se fundará na transgressão ou quebra das limitações impostas. Destarte, de um modo geral, o humorismo que for caracterizado como politicamente incorreto, fundamentalmente assim o será por transgredir os limites estabelecidos, sejam estes quais forem. Entretanto, se esta ação, por assim dizer, transgressora não for acompanhada de quaisquer reflexões ou não tiver a crítica e a autocrítica como aliadas (a segunda apenas se faz presente quando o humorista alega até mesmo fazer piadas consigo próprio, o que o deixaria livre para zombar de toda ou qualquer coisa), tal humor se aproximará daquilo que aqui categorizaremos por *humor politicamente incorreto acrítico*.

Se partirmos da ideia de que a nossa percepção quanto à reafirmação dos preconceitos e das violências sociais é ludibriada pela Razão Cínica — um dos pilares estruturante da contemporaneidade, como diagnosticam Safatle (2008), Sloterdijk (2012) e Žižek (1992, 1996) —, estas ações de ratificação, dentro do *humor politicamente incorreto acrítico*, se darão por uma via de agressividade muito mais intensa e explícita. Agressividade esta, que, muito mais cínica, se respalda especialmente na argumentação de que “piadas são só piadas” e de que a liberdade de expressão é alguma coisa de caráter completamente ilimitado. Sobre estes dois argumentos-chave, os quais são largamente utilizados para defender e fornecer substrato ao *humor politicamente incorreto acrítico*, nos debruçaremos de forma crítica e atenta mais adiante em nosso texto.

Metodologia

Para analisarmos os argumentos que citamos logo acima, nos valem de concepções, princípios e procedimen-

tos teórico-práticos propostos pelo referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa (AD). Nesta corrente de pensamento, os sentidos dos discursos se constroem a partir das interpretações que deles se realizam, as quais dependem igualmente das diferentes formas e materialidades em que a linguagem dispõe tais sentidos (ORLANDI, 1996). Esta compreensão nos leva a entender que os mais distintos tipos de discursos não apresentam dizeres explícitos. E, ao seguirmos a metodologia proposta pela AD, buscamos desvelar os modos de funcionamento dos discursos, atentando sobremaneira para aquilo que não se encontra visível em suas superfícies, até porque interpretar em AD é tentar ver através da opacidade, uma vez que, segundo esta corrente teórica, a linguagem não é transparente.

Deste modo, explicitar as formações ideológicas e inconscientes com as quais o discurso a ser estudado se vincula e as quais o estruturam se torna tarefa fundamental (ORLANDI, 1999; PÉCHEUX, 1997). Embora, valha a advertência de que tais interpretações são abertas, visto que “[...] como sabemos, a questão dos sentidos é uma questão que não se fecha.” (ORLANDI, 1996, p. 10). E, para além disso, estas interpretações são igualmente construídas e constituídas de modo sócio-histórico e dialético, portanto representam um feixe de luz, dentre os tantos possíveis, sobre o que está sendo analisado e estudado.

“Piadas são só piadas”

Iniciemos nossas reflexões destrinchando o argumento de número 1 de que “piadas são só piadas”. Segundo Freud (1995), as frases de espírito² representam fendas abertas

² Como o termo chiste, consagrado pelas primeiras traduções brasileiras da obra freudiana, é traduzido e compreendido por Mezan (2003), o qual as diferencia das anedotas, principalmente por estas necessitarem

momentaneamente na repressão, as quais dão vazão para que impulsos e desejos inconscientes sejam percebidos pelo consciente, e são divididas em dois tipos: inofensivos e tendenciosos, “[...] caracterizando-se os segundos por ocultarem um impulso obsceno, sádico ou cínico, enquanto os primeiros se limitariam ao jogo técnico com as palavras.” (MEZAN, 2003, p. 116-117). Embora Mezan (2003) também atribua ao tipo “inofensivo” a capacidade de burlar com aquilo que está sob a égide do interdito, em outras palavras, a frase de espírito inofensiva detém igualmente a condição de por vezes vincular críticas, ainda que estas sejam menos facilmente perceptíveis.

Como exemplo de uma frase de espírito inofensiva, temos uma piada contada por Heinrich Heine e recuperada por Freud (1995), na qual um sujeito pobre afirma que um rico o tratou de forma “familiarmente”. Nesta simples composição envolvendo os termos “familiar” e “milionário”, o pobre traduz o comportamento duplo do sujeito rico, que pretensamente lhe tratou como um igual, ao mesmo tempo em que procurava demarcar implicitamente a distância socioeconômica existente entre ambos. Tal comentário do sujeito pobre, aparentemente inofensivo, ri e expõe sutilmente a falsidade do personagem abastado.

Outra manifestação comum das frases de espírito inofensivas são os personagens ou as representações cômicas que parodiam personalidades públicas altamente conhecidas (como um político ou um artista de renome) ou marcas de grandes empresas, e para tal intento têm seus nomes formados pela troca de uma letra ou duas do nome do parodiado (em alguns casos, a nova palavra possui som similar ao da palavra original), formando outra palavra a qual fará referência a algum atributo ou defeito, seja físico ou de caráter des-

do gestual e do visual para ocasionarem o riso, enquanto as frases de espírito se inserem especificamente no domínio da linguagem verbal.

tas (empresas) ou daquelas (personalidades). No programa humorístico televisivo “Casseta e Planeta Urgente”, ao longo da década de 90 do século XX, por exemplo, o ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso era tratado por *Viajando* Henrique Cardoso, o que denotava certo apreço do político pelas viagens, sobretudo internacionais, e consequentemente abandono de trabalhar pelas questões nacionais (aqui temos uma referência a um suposto defeito de caráter), enquanto em outro programa televisivo veiculado atualmente, o “Pânico na Band”, há um personagem chamado *Tucano Huck*, o qual parodia o apresentador de televisão *Luciano Huck* (a referência aqui se trata ao fato do apresentador ter nariz grande, talqual o bico de um tucano, e para promover esta associação de ideias o nome próprio Luciano é trocado por um substantivo que possui som similar, no caso Tucano).

Quanto à frase de espírito tendenciosa, podemos citar mais um exemplo dado por Freud (1995, p. 73): “uma esposa é como um guarda-chuva; mais cedo ou mais tarde toma-se um táxi”. Nesta frase, segundo o autor, estão explicitadas ideias de que o casamento se trata de um arranjo para satisfazer sexualmente o homem (protegê-lo da “chuva” de tentações existentes em cada vestido — como se pode notar, a relação da mulher como um objeto e a ideia invertida de que a mulher existe única e exclusivamente para seduzir o homem, o que justificaria a compreensão de que aquela está sempre disponível em termos sexuais, não são privilégios de nosso tempo presente). Contudo, ainda assim, se conforme o passar do tempo se fizer necessário ao marido, este pode pagar uma prostituta para se realizar sexualmente (a metáfora de se tomar um táxi que é um meio de transporte pago). Outro caso correlato é o das piadas que relacionam as pessoas negras com macacos, nas quais o riso (maiormente realizado por parte de, evidentemente, não negros) mascara os impulsos de superioridade perpetrados pelo racismo, que se apoia em uma visão ancorada na ideia de que há raças inferi-

ores e, conseqüentemente, próximas de animais irracionais e não humanos.

A frase de espírito tendenciosa, deste modo, afirma, ainda que metaforicamente, posturas e visões de mundo, as quais em tese não poderiam ser enunciadas abertamente por conta das repressões ocasionadas pelas relações sociais. Em outros termos, pontuando de uma forma generalizada, as frases de espírito/piadas (sejam inofensivas ou tendenciosas) não são neutras, desprovidas de sentidos outros ou originárias de lugar nenhum, ao contrário disso, pela perspectiva freudiana que aqui referenciamos brevemente, nestas frases estão embutidos desejos e impulsos formados inconscientemente, os quais, ao emergirem ao consciente, trazem consigo ideias que correntemente são e estão interditas e/ou proibidas de serem enunciadas, explicitando-as.

Possenti (2005) aponta que as piadas decorrem, bem como os seus modos possíveis e distintos de ocorrerem, por estarem vinculadas diretamente a um solo fertilizado pelas condições sócio-históricas em que estão sendo produzidas, as quais refletem os conflitos e os preconceitos existentes, os valores aceitos e rejeitados à época, os estereótipos, as representações e processos de subjetivação vigentes, etc.

Além disso, este autor afirma que as piadas trabalham com um “[...] discurso proibido, subterrâneo, não oficial [...]” (POSSENTI, 2005, p. 25) acerca dos temas mais diversos, sendo que, maiormente, se valem de temáticas consideradas tabus ou de olhares fundados em convencionalidades outras.

Como em um exemplo dado por Possenti (2010) que, embora o discurso corrente seja de que as pessoas casem por amor, as piadas dirão que as pessoas se casam por dinheiro ou por outros interesses que em nada se relacionam com o amor pelaparceira ou parceiro. Assim, temos que, se por um lado o discurso das piadas romperá com um discurso convencional e tradicional (matrimônio = amor), por outro estará

apenas reafirmando uma nãoconvencionalidade (matrimônio = interesse financeiro) que, de tão utilizada e gasta, torna-se também de certa forma convencional e tradicional — vale assinalar que não compreendemos que isto seja algo problemático, apenas pontuamos que não se pode deixar de perceber esta constituição de uma espécie de discurso humorístico “não oficial oficializado”, por assim dizer.

O escritor Antonio Prata, em depoimento dado ao documentário “O Riso dos Outros” (2012) de Pedro Arantes, resumiu bem uma visão recorrente que questiona a afirmação singela *isso é só uma piada*, disse Prata: “o humor é sempre um conteúdo disfarçado, então ele pode dizer que foi só uma brincadeira [...] as piadas não têm um fundo de verdade, elas são a verdade com nariz de palhaço.”. Em outras palavras, o discurso vinculado pelas piadas não é apolítico, desprovido de ideologias e/ou intenções, ao contrário disso, como afirma o cartunista Laerte no mesmo documentário: “[falando de modo a parecer outra pessoa] você não tá querendo levar a sério isso que eu falei, né? [respondendo peremptoriamente a si mesmo com o seu própria tom de voz] Mas, isso é a sério! Quer dizer, é aquilo que eu tava falando, o discurso humorístico é também um discurso ideológico, ele diz coisas. Por mais que a intenção seja divertir as pessoas enquanto comem a batata frita”. Ambas as declarações se relacionam de algum modo com ideias freudianas quanto às *frases de espírito*, conforme Mezan (2003, p. 114) observa-as, as quais são “[...] um modo socialmente aceitável de criticar ou ofender a outrem, e a razão desta tolerância reside justamente no modo disfarçado com que a injúria é lançada.”.

Assim sendo, as piadas não podem ser consideradas como instrumentos de linguagem meramente lúdicos ou tão somente a serviço da indústria do entretenimento, as piadas, majoritariamente, representam exatamente o que querem dizer, seja para criticar os costumes sociais (exemplos: os

casamentos ocorrem por interesses econômicos, não pelo amor entre o casal; promover manifestações contra as injustiças é considerado ato de baderna, promovido por pessoas desocupadas e maconheiras; entre outros), ou para ofender e/ou promover determinados grupos sociais (exemplos: pobre é ignorante; @s homossexuais são todos promíscu@s; etc.). Embora, ainda assim, aqueles humoristas que as profiram podem, pelo fato de haver certa tolerância ao conteúdo de cunho cômico, o que torna opaca as intenções subreptícias contidas neste tipo de discurso, se respaldar de que não tencionavam dizer o que efetivamente disseram em suas piadas — ainda que de modo difuso tenham realmente dito aquilo.

Por mais que o debate seja praticamente interminável acerca do grau de influência que as piadas podem ter em termos sociológicos ou educativos, e ainda que estas, segundo Possenti (2010), não tenham tais nortes como guia, é pouco crível que não produzam, defendam e/ou se coadunem com determinadas visões específicas e ideológicas de mundo, como, por outro lado, apontou o mesmo Possenti (1995) em outro de seus muitos trabalhos em que toma as piadas como objeto e *corpus* de estudo e reflexão. O humorista se respaldar na assertiva de que uma piada nada representa além de si mesma é alguma coisa pouco sustentável ou criteriosa, pois o conteúdo destas (piadas), ainda que dentro de um universo de regras e intenções próprias a um discurso humorístico global, estará sim vinculado ao real e ao social (POSSENTI, 2010) e, portanto, carregaram sim certo peso em seus bojos, não sendo manifestações discursivas insignificantes ou desprovidas de qualquer importância e/ou responsabilidade para com o coletivo.

A liberdade de expressão é alguma coisa de caráter ilimitado?

Atenhamos-nos agora ao segundo argumento-base que dá sustentação a um *humorismo politicamente incorreto acrítico*, a questão da liberdade de expressão ser ou não ser alguma coisa de caráter ilimitado. Na “Declaração Universal dos Direitos Humanos” proclamada em Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) no mês de dezembro do ano de 1948 — a qual, vale a ressalva, não pode ser encarada como completamente universal e global, para uma visão crítica acerca disto ver: Santos (1997) e Žižek (2010) —, a ideia da liberdade de expressão está assim formulada em seu artigo XIX: “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.” (UNIC Rio, 2000, p. 9). Porém, a liberdade de se expressar não é posta enquanto ilimitada, como podemos depreender do segundo parágrafo do artigo XXIX da mesma Declaração Universal: “No exercício de seus direitos e liberdades, todo ser humano estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem [...]” (UNIC Rio, 2000, p. 13-14). Por conseguinte, o respeito ao outro está embutido no próprio exercício da liberdade de se expressar. O que de forma alguma anula a possibilidade do conflito pelas discordâncias de pontos de vista distintos, até porque a expressão, compreendida como manifestação dos discursos, também está condicionada aos embates históricos e sociais que se cristalizam nos discursos (MAINGUENEAU, 1997).

O maior problema associado ao *humor politicamente incorreto acrítico* nesta questão é o seu entendimento unilateral na construção de seu discurso, pois, ao esquecer que este é fruto das relações sociais (ORLANDI, 1999; PÉCHEUX,

1997), ignora completamente a possibilidade do contraditório com relação as suas colocações humorísticas. Desta maneira, diferentemente do que o *humor politicamente incorretoacrítico* espera e tal como na terceira lei de Newton (2002), em que toda ação corresponde a uma reação de sentido contrário, piadas preconceituosas ou racistas proferidas terão sim respostas e protestos por parte dos movimentos sociais³ que se sentirem ofendidos. E tal contraofensiva não se caracterizará necessariamente como tentativa de censura, como apregoam os humoristas questionados por piadas que fizeram contendo tais temáticas. De modo contrário, os questionamentos são pertinentes quando lembram que o humor feito exclusivamente sob a égide dos preconceitos, dos estereótipos e da ofensa agressiva e gratuita não contribui para a crítica das desigualdades existentes, apenas auxilia a propagá-las e a reafirmá-las.

Diversamente do que ocorre no *humor cínico*⁴, que mal se confronta direta e abertamente com seus críticos, o *humor*

³ Segundo Gohn (2008, p. 336, grifo nosso), os movimentos sociais têm por características constitutivas e principais os seguintes aspectos: “[...] possuem identidade, têm opositor e articulam ou fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade. Historicamente, observa-se que têm contribuído para organizar e conscientizar a sociedade; apresentam conjuntos de demandas via práticas de pressão/mobilização; têm certa continuidade e permanência. Não são só reativos, movidos apenas pelas necessidades (fome ou qualquer forma de opressão); podem surgir e desenvolver-se também a partir de uma reflexão sobre sua própria experiência. Na atualidade, apresentam um ideário civilizatório que coloca como horizonte a construção de uma sociedade democrática.”

⁴ Outra categoria dentro do discurso humorístico global que propomos em nossa tese de doutoramento. Sucintamente, o *humor cínico* se aproximaria de algum modo ao humorismo praticado nas comédias Antiga e Nova da Grécia antiga, as quais, de modo geral, escarneciam os vícios e as paixões e pretendiam moralizar a sociedade. Todavia neste humor de cunho cínico, ao modo que o cinismo contemporâneo estrutura-se, como neste aspecto particular fora diagnosticado por Grau Zero — Revista de Crítica Cultural, v. 1, n. 1, 2013 | 313

politicamente incorreto acrítico não apenasrejeita ser criticado, como reduz seus opositores a meros patrulheiros do politicamente correto, termo este que pode ser entendido tanto de modo pejorativo, como positivo. Neste caso ele evidentemente é empregado de forma negativa, todavia pelas razões erradas, quais sejam: há a inferência e um reducionismo de que o politicamente correto trata-se tão somente de uma forma coercitiva de se moldar, maiormente, a linguagem cotidiana (BENTO, 2008; RIBEIRO, J., 2005), enquanto que uma de suas ideias centrais é propor reflexões acerca da realidade social vigente, a qual é permeada por desigualdades de diversas ordens (QUEIROZ, 2005; RIBEIRO R., 2000). Em outros termos, o caráter ditatorial que o *humor politicamente incorreto acrítico* atribui ao politicamente correto é, na maioria das vezes, exagerado, pois o fato de se propor questionamentos a ordem vigente implica em uma ampliação das liberdades coletivas, ao contrário do que ocorre na atualidade em que a liberdade irrestrita é privilégio de poucos grupos sociais dominantes. Assim, como pontuamos, este tipo de humor tem uma predileção por recusar qualquer diálogo com os discursos opostos, ou até mesmo completamente antagônicos, a ele.

Além disso, a Razão Cínica da contemporaneidade (SAFATLE, 2008; SLOTERDIJK, 2012; ŽIŽEK, 1992, 1996) age de modo radicalizado no interior do discurso do *humor politicamente incorreto acrítico*, uma vez que os preconceitos nocivos à noção de uma sociedade mais igualitária e fundada no respeito mútuo não apenas são enunciados sem constrangi-

Žižek (1992), a moralização serve para justificar a imoralidade dos preconceitos, das desigualdades e das opressões arraigadas no corpo social. Por isso, nas manifestações do *humor cínico* os adúlteros são representados como espertos, o cidadão corrupto é bem sucedido, a mulher feia deve aproveitar ao ser assediada sexualmente, o negro não deve se incomodar em ser tratado como um indivíduo caracterizado somente

mento algum pelos humoristas que se valem deste tipo de humor, como ainda são amplamente justificados pelas razões que discorremos antes (liberdade expressão ilimitada e “piadas são só piadas”) e por esse cinismo da atualidade, o qual ironiza e anula o conflito entre as contradições postas ao legitimar ambas as posições (SILVA; BEER, 2011) e ao ocasionar aquilo que Safatle (2008) chamou por uma *ironização geral das condutas*, a qual não nega a aceitabilidade de posições e valores contraditórios concomitantes.

Assim, por exemplos, se pode ofender o grupo dos deficientes mentais, que já foi e é demasiadamente desfavorecido dentro do corpo social, ou enunciar que uma mulher feia deve agradecer o seu violador por ser estuprada, embora o número de casos de violência sexual contra as mulheres seja mais do que alarmante, e se respaldar no argumento de que se trata somente de puro e simples humorismo, o que tornaria aspiadas-agressão aceitáveis e/ou completamente normais/naturalizadas. E os que discordarem disto tudo que expusemos até então serão taxados como idealistas, ingênuos ou patrulheiros que estarão criando assuntos tabus ou lutando por causas desnecessárias (ou completamente perdidas, segundo os bastiões do *humorismopoliticamente incorreto acrítico*). “São os idiotas defensores do politicamente correto”, sentenciariam os humoristas, os paladinos e/ou propagadores em geral deste humorismo de cunho *politicamente incorreto acrítico*. Para prosseguirmos e nos acercarmos de nossas considerações finais, relacionaremos estas ideias que viemos descrevendo com outro fenômeno igualmente conectado a esta lógica politicamente incorreta acrítica.

Outros apontamentos relacionados

Um acontecimento curioso envolvendo a ideia de um politicamente incorreto aproximada a esse que estamos descrevendo até então, embora não se inscreva explicitamente

no funcionamento discursivo do *humor* (tal observação deve ser feita, pois nestes casos que passaremos a comentar pode haver uso do recurso retórico da ironia, a qual é um dos mecanismos que proporcionam o funcionamento do discurso humorístico), é a profusão de livros que inundam o mercado editorial brasileiro ostentando títulos como “a história politicamente incorreta de tal coisa”, os quais aparentemente detém grande capacidade de cativar uma parcela considerável do público leitor, a julgar pelos os números expressivos das vendas divulgados tanto pelas livrarias, como por revistas de grande circulação no país.

A aproximação com o *humor politicamente incorreto acríptico* diz respeito ao fato dos autores de tais obras pretendem demonstrar elevado grau de crítica, como se estivessem cometendo grandes transgressões, enquanto escapam muito pouco de visões vigentes e sintonizadas à ordem estabelecida. De um modo geral, os autores desses livros direcionam suas críticas à história contada academicamente, a qual julgam ser majoritariamente tecida pelos intelectuais de Esquerda e, por conta disto, detentora e propagadora de uma falsa “correção” que deve ser desconstruída. Entretanto, o, por assim dizer, “malabarismo retórico” contido nestes livros politicamente incorretos(acríticos) desconsidera, ou, lançando mão do cinismo contemporâneo, assevera enxergar sem de fato fazê-lo, que ambas as narrativas (tanto as apresentadas em tais livros, como as que constam nas obras produzidas pela Universidade) estão vinculadas ematerializam as ideologias com as quais estão relacionadas (Cf. PÊCHEUX, 1997; MAINGUENEAU, 1997; ORLANDI, 1999).

Na própria introdução de um desses escritos (NARLOCH, 2009, p. 8), quando o autor afirma que: “alguém poderá dizer que se trata do mesmo esforço dos historiadores militantes, só que na direção oposta. [...] Este livro não quer ser um falso estudo acadêmico, como daqueles estudiosos, e sim uma provocação [...] com o objetivo de enfurecer um bom

número de cidadãos.”, nos faz questionar se isto não se trata exatamente de reafirmar as visões correntes, até porque, em muitos casos, o conhecimento produzido no interior da Universidade mal consegue transbordar para além de seus muros e se alojar e sedimentar no repertório de conhecimentos gerais e comuns da sociedade. Além disso, por exemplo, apresentar os grupos armados de resistência ao golpe civil-militar instaurado em 1964 no Brasil como grupos compostos por pessoas cruéis, assassinas, idealistas e, principalmente, terroristas não transgride de todo (ou em quase nada) com uma imagem bastante difundida pela história oficial brasileira. Ao contrário disso, tais ideias vêm apenas a reforçar uma visão conservadora e corrente, não somente nos anos em que vivenciamos o terrorismo de Estado, como ainda vigente e sustentada atualmente por certa historiografia (ou, como prefere denominar o jornalista Paulo Henrique Amorim, em diversos *posts* de seu blog *Conversa Afiada*, pelo “historialismo” — o que segundo Amorim é uma mistura entre História e Jornalismo, sem ser nem uma coisa, nem a outra).

Igualmente, o afirmar-se politicamente incorreto neste contexto pretende apontar rompimento com visões pretensamente instituídas pelos movimentos progressistas ou revolucionários, todavia, reforçamos uma vez mais que estas perspectivas sequer são realmente hegemônicas. Ou seja, o que tal discurso que se autodenomina politicamente incorreto almeja combater é o desviante, o alternativo e o contra-hegemônico, não o amplamente normatizado e arraigado nos discursos, espaço e subjetividades coletivas. Um exemplo disto é a reivindicação por parte dos humoristas e/ou articulistas e pensadores associados ao *politicamente incorreto acrítico* de poder se referir aos negros por “macacos”; aos homossexuais por “bichonas”, “gazelas”; a todos os nordestinos brasileiros por “baianos”; externar opiniões preconceituosas e classistas acerca dos pobres (“são todos uns vagabundos”); dentre outras ideias/opiniões, alegando que isto se refere a

real liberdade — do contrário estarão sendo alvos de censura — e a transgressão dos limites impostos por um suposto e implacável policiamento dopoliticamente correto vigente, porém, como já pontuamos, tais pensamentos apenas reforçam as desigualdades de forças sociais que se encontram amplamente postas e sedimentadas.

Considerações finais

Encerramos nosso texto salientando que nem todo humor politicamente incorreto se filia aos intentos que descrevemos, uma vez que há outras manifestações discursivas correlatas a este tipo particular de discurso, as quais se coadunam com ideias essenciais a um discurso humorístico global crítico e transgressivo frente os limites impostos pela desigual ordem vigente, visando expor, questionar e, por vezes, mesmo que momentaneamente, conseguir minar aquilo que dá substrato a este funcionamento desigual das relações sociais, como os pensamentos autoritários, conservadores e retrógrados. Enquanto que esse *humor politicamente incorreto acrítico*, o qual nos ativemos ao longo deste artigo, se encontra na tradição mais execrável dentro da história do discurso humorístico, qual seja: aquela perspectiva em que o humor tanto é parceiro da manutenção do *status quo*, como serve de instrumento à opressão por este praticada.

Pontuamos também que as categorizações que estamos propondo e procedendo em nossa pesquisa atual não pretendem aprisionar a riqueza e multiplicidade do discurso humorístico, ao contrário disto, tal ação de nossa parte se constitui em uma tentativa de aproximar regularidades existentes dentro deste, para explicitarmos e, concomitantemente, analisarmos seus modos de funcionamento.

Referências

- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Zahar, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- BENTO, António. A língua da <<correção política>>. In: SERRA, P.(Org.); FERREIRA, I. (org.). *Retórica e mediatização: da escrita à internet*. Covilhã: LabCom; Universidade da Beira Interior, 2008.
- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. *Uma história cultural do humor*. Trad. Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CONVERSA AFIADA com Paulo Henrique Amorim. Disponível em: <<http://www.conversaafiada.com.br>>. Acesso em: 30 jul. 2012.
- FREUD, Sigmund. Os Chistes e sua Relação com o inconsciente (1905). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Vol. VIII. Trad. Margarida Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- GEIER, Manfred. *Do que riem as pessoas inteligentes?: Uma pequena filosofia do humor*. Trad. André Delmonte e Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-362, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2012.
- GRUDA, Mateus Pranzetti Paul. *O discurso do politicamente incorreto e do escárnio em South Park*. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

NARLOCH, Leandro. *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. São Paulo: Leya Brasil, 2009.

NEWTON, Isaac. *Principia — livro 1: princípios matemáticos de filosofia natural*. Trad. Trieste Ricci et al. São Paulo: EDUSP, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso — Princípios & Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

O RISO dos outros. Direção: Pedro Arantes. Produção: Angelo Ravazi e Ricardo Monastier. São Paulo: Massa Real, 2012. Documentário online (52 min), son., color. Documentário vencedor do 1º concurso de documentários da TV Câmara promovido pela Câmara dos deputados. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=LTxtEZGp58g>>. Acesso em: 06 dez. 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997

PINTO, Ziraldo Alves. Ninguém entende de humor. *Revista Vozes de Cultura*, n. 3, v. 64, Petrópolis, p. 21-37, 1970.

POSSENTI, Sírio. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 125-142, 1995. Disponível em:<<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/1016/1127>>. Acesso em: 20 out. 2012.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. 4. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

QUEIROZ, Antônio Carlos. Como é difícil quebrar preconceitos. *Observatório da Imprensa*, ano 10, n. 328, 10 maio. 2005b. Disponível em:<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=328IPB007>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

RIBEIRO, João Ubaldo. Politicamente correto: linguagem e delírio autoritário. *Observatório da Imprensa*, ano 10, n. 327, 03 maio 2005. Disponível

em:<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=327IPB004>> Acesso em:13 dez. 2012.

RIBEIRO, Renato Janine. Grandeza e miséria do "politicamente correto". In: _____. *Asociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 26-44.

SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Trad. Marcos Casanova et al. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. Uma concepção multicultural dos direitos humanos. *Lua Nova*, São Paulo, n. 39, p. 105-124, 1997. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451997000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 dez. 2012

SILVA, Paulo José Carvalho da; BEER, Paulo Antonio de Campos. Sobre o cinismo em um tempo de identificações irônicas. *Trivium*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 3, 2011, p. 84-98. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912011000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 dez. 2012.

UNIC Rio. Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, Rio de Janeiro, dez. 2000. Disponível

em:<http://unicrio.org.br/img/DeclU_D_HumanosVersoInternet.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. Cinismo e objeto totalitário. In: _____. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992, p. 59-73.

ŽIŽEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma?. In: _____(org.). *Um mapa da Ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 297-332.

GrauZero

■ ■ ■ Revista de Crítica Cultural

ŽIŽEK, Slavoj. Contra os direitos humanos. *Mediações*, Londrina, n. 1, v. 15, 2010, p. 11-29. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/6541/5947>>. Acesso em: 05 dez. 2012.